

O INVISÍVEL NA COMUNICAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES DO MODELO PRAXIOLÓGICO E DA FENOMENOLOGIA DE MERLEAU-PONTY PARA PENSAR A LITERACIA MEDIÁTICA

Eixo 03 – Docência, criatividade, inovação e investigação

José Cristian Góes¹

RESUMO

A proposta desse trabalho é discutir a comunicação pela perspectiva praxiológica em aproximação com o projeto fenomenológico de Merleau-Ponty, percebendo o quanto esse diálogo pode contribuir para a literacia mediática. Nosso percurso vai da percepção do processo comunicativo nas interações sociais à produção de um ambiente visível, o que está aparentemente acordado superfície, mas esse mesmo movimento produz uma série de silenciamentos e invisibilizações. Para isso, recorreremos às reflexões de Braga sobre o processo tentativo da comunicação e às reflexões de Merleau-Ponty sobre as tensões entre o visível e o invisível. Sugerimos que as análises em termos de literacia midiática podem ganhar em profundidade ao se considerar que a comunicação produz e guarda camadas invisíveis, que elas estão em latência a exigir às expressões.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; literacia; modelo praxiológico; Merleau-Ponty; invisível.

ABSTRACT

The purpose of this paper is to discuss communication from a praxeological point of view in the approach to the phenomenological project of Merleau-Ponty, realizing how much this dialogue can contribute to media literacy. Our journey goes from the perception of the communicative process in social interactions to the production of a visible environment, which is apparently agreed upon surface, but this same movement produces a series of silences and invisibilizations. For this, we have recourse to Braga's reflections on the tentative process of communication and to Merleau-Ponty's reflections on the tensions between the visible and the invisible. We suggest that analyses of media literacy can gain in depth by considering that communication produces and stores invisible layers, which are latent in demand of expressions.

KEYWORDS: Communication; literacy; praxiological model; Merleau-Ponty; invisible.

¹ Jornalista (Unit). Doutorado Sanduiche em Comunicação (UMinho, Braga, Portugal). Doutor em Comunicação (UFMG). Mestre em Comunicação (UFS). Especialista em Gestão Pública (Esaf/FGV). Especialista em Comunicação na Gestão de Crise (UGF). cristiangoes_brasil@yahoo.com.br

1 Introdução

Apesar da longa e profícua trajetória na construção de um amplo e consistente conjunto de formulações em torno da comunicação e dos seus processos, as discussões teóricas sempre apontam para novas possibilidades reflexivas. Aqui se insere a literacia midiática como dispositivo em acionamento constante dos fenômenos da comunicação, impedindo imaginar um ambiente epistemológico delimitado, inflexível e estável. Esse trabalho, de centralidade teórica, propõe uma contribuição nesse percurso que envolve o olhar crítico sobre a comunicação como potencial pedagógico.

Compreendemos a comunicação como um fenômeno interacional e relacional, na perspectiva praxiológica (QUÉRÉ, 1991; FRANÇA, 2003; BRAGA, 2010), isto é, como um processo que é uma “tentativa” em meio as relações sociais; uma *experiência* em que uma parte significativa dela ganhará as superfícies nas interações, de forma mais visível. A comunicação será percebida no que está visível, nas formas verbo-visuais e, sobre esse material concreto, os estudos passam a se dedicar. As análises em termos de literacia mediática ocorrem nesse lugar. O acesso, o desenvolvimento das competências, o olhar crítico sobre as narrativas em aprendizado tem por objeto expressões tangíveis.

Entretanto, e aqui se localiza nossa proposta, as experiências comunicativas que fazem aparecer o mundo e nos inserem em relação aos *Outros*, que nos enredam nas teias visíveis são as mesmas que guardam silenciamentos e constroem os apagamentos nesse mesmo ambiente. Assim, os processos de literacia midiática precisam considerar que a comunicação é constituída de invisibilizações, de um modo que também configura as relações sociais e a nossa percepção de mundo. O que não foi dito, não foi visto e não foi sentido nas teias de comunicação também tem valor decisivo para o dito e o visto, e desse modo, devem ser considerados nas análises mediática.

Kirsch *et. al.* (1993, p.2) entendem a literacia como a capacidade do uso das informações para “responder às necessidades da vida em sociedade, alcançar objectivos pessoais e para desenvolver os conhecimentos e os potenciais próprios”. No entanto, a literacia tem um conceito mais complexo, amplo e profundamente transversal. Por exemplo, para Ávila (2008, p. 41), ela é uma competência de base fundamental para o acesso à informação e o conhecimento, a possibilidade de aprender ao longo da vida, o exercício da análise simbólica, o desenvolver das competências de uso da informação.

Reis (1997, p. 9) vai além disso, compreendendo-a como uma “capacidade reivindicativa”, “o aumento do espírito crítico” e que leva o cidadão a aderir causas políticas e sociais.

Contudo, ao reconhecermos a comunicação como uma *experiência* nas relações sociais, estamos admitindo que ela é incerta e atravessada por uma série de tensões, na maioria das vezes, inconfessadas, e que podem dar a ver e a falar a partir de ângulos que estariam supostamente acordados entre os participantes do processo comunicativo. No entanto, o que emerge como aparente pode ser apenas uma parte de um *todo* muito mais complexo, isto é, de uma superfície irregular, com inúmeras camadas sobrepostas, ainda *não-ditas* nesse mesmo processo. Não se trata aqui de ideia de uma *não-comunicação*, mas de níveis de comunicação ainda invisíveis nos ambientes dos diálogos expressados.

Para refletir sobre silenciamentos e invisibilizações no processo comunicativo e que esses elementos precisam ser considerados nas práticas de literacia midiática, recorreremos ao filósofo Merleau-Ponty (1908-1961)², autor ainda de pouca utilização na comunicação. Por isso, a aproximação com algumas de suas ideias deve se realizar com cuidado porque, de fato, a comunicação não foi objeto de suas preocupações. Porém, percebemos que as formulações sofisticadas dele abrem *possibilidades* de um diálogo fecundo, em determinado aspecto: a relação entre visível e invisível.

Além de obras de Merleau-Ponty (1974, 1991, 1999, 2012), utilizamos alguns dos seus principais comentadores (CAPALBO, 2007; CHAUI, 2008; DUPOND, 2010; MATTHEWS, 2010) porque esse filósofo não é um pensador para rápidas leituras, mas, como justifica Matthews (2010), o esforço reflexivo em sua direção é compensador.

Ao final, propomos três possíveis caminhos metodológicos que podem auxiliar no reconhecimento e na valorização dos silenciamentos, apagamentos e invisibilizações no processo comunicativo, e que podem ser decisivos nas definições dos objetos, nas seleções dos métodos e nas próprias análises em termos de literacia mediática.

² Maurice Merleau-Ponty nasceu em 14 de março de 1908 em Rochefort-sur-Mer, ao sudoeste da França. Fez seus estudos na *École Normale Supérieure* de Paris, concluindo Filosofia em 1930. Finalizou o doutorado em 1945, sendo nomeado para a Universidade de Lyon, onde reencontra Jean-Paul Sartre, que foi seu colega na *école*. Com Sartre, edita a revista político-literária *Les Temps Modernes* e funda o *Socialisme et liberté*, um grupo de resistência ao nazismo. Merleau-Ponty foi do Partido Comunista Francês, mas por discordar das imposições de Moscou, deixou o partido. Ele era crítico da utilização das ideias de Marx, principalmente pela política Stalinista. Ele se insurgiu contra dogmatismos. Merleau-Ponty deu aulas de Psicologia e Pedagogia na *Sorbonne I* e, em 1952, foi ensinar Filosofia no *Collège de France*, permanecendo lá até sua morte em 4 de maio de 1961 (CAPALBO, 2007; MATTHEWS, 2010).

2 Comunicação praxiológica

A comunicação é a condição primária para a vivência humana. Através dela, partilhamos os vários sentidos que compõem nosso existir. Por meio da comunicação, reconhecemo-nos humanos, sendo ela uma condição da própria consciência (DEWEY, 1980, p. 41). Ocorre que a comunicação se realiza no contato, na relação e na interação social, mas não como algo prévio e dado, ao contrário, ela é um permanente *processo de vir a ser*; uma aposta perene; não ocorre de maneira mecânica, com papéis fixos entre o falante e o ouvintes, e nem estará delimitada por uma estrutura fechada.

Como lembra Braga (2010), desde os anos 1980 o pensamento comunicacional já não tratava a comunicação dentro do modelo transmissivo, mas em um viés dialogal, implicando a múltipla afetação dos sujeitos que se colocam em relação, e que vão ser constituídos nessas relações. Os participantes nesse processo não serão locutores e nem ouvintes, mas interlocutores. Ao mesmo tempo, vão agir e sofrer gestos comunicativos, construindo e sendo construídos por eles, formando um ambiente intenso e recíproco (QUÉRÉ, 1991).

Nessa perspectiva, a comunicação relacional tem a relevante característica de transformacional dos interlocutores, em um processo que existe e que ocorre na prática cotidiana, na vida concreta dos sujeitos. Essa é a marca central do *modelo praxiológico* anunciado por Louis Quéré (1991): uma comunicação que transita em contextos abertos de possibilidades e que nos transforma constantemente. O comunicar migra da esfera teórica do conhecimento (estrutura, signos) para a da ação, da prática, da experiência, da intervenção visível, da transformação.

Reflete Vera França (2003, p. 15) que a comunicação “é a realização singular dentro de possibilidades (um repertório de possíveis)”. Por isso, será através do agir comunicativo, que se realiza nas expressões e nas publicizações, “que as coisas e os seres adquirem sua determinação – para todos os fins práticos – através da construção de relações com um ‘nós’” (QUÉRÉ, 1991, p. 7).

O *modelo praxiológico* não negligencia que a comunicação é um encontro de interlocutores em um espaço comum. Nesse *lugar*, tenta-se o entendimento. Nele, ideias são partilhadas pelos sujeitos e algumas serão acordadas entre eles. Quéré (1991, p. 6)

diz que a comunicação é “uma atividade conjunta de construção de uma perspectiva comum, de um ponto de vista compartilhado”, tendo-se por base inferências e ações. Todavia, o “comum” do conceito de Quéré (1991) não é a concordância de pensamento, mas a construção do *lugar* onde as pessoas se relacionam e se organizam, pelo menos de forma momentânea. “Para o modelo praxiológico, a comunicação é essencialmente um processo de organização de perspectivas compartilhadas (QUÉRÉ, 1991, p. 7). O foco da análise deve ser o *lugar da comunicação*, o ambiente *comum* nas interações, onde se partilham às relações sociais, sempre abertas e incertezas.

Com base nessas reflexões, sugerimos que as interações comunicativas não se dão em ordem e nem em simetria porque as relações sociais garantem tensões, disputas, jogos de força. Assim, a comunicação é uma experiência marcada por uma complexa rede de seleções (inclusões e exclusões), movida por inúmeros interesses e conflitos, podendo resultar consensos, e também, em muitos dissensos. Essas condições precisam ser postas na perspectiva da literacia, de forma especial, nos estudos dos *media*. Ou seja, não encontraremos um ambiente comunicativo perfeito e dado para as análises, mas um lugar sempre desconstruído, incontrolado, instável, sujeito as mais complexas tensões. Não é demais lembrar que Braga (2010) diz ser a comunicação uma “tentativa”, uma mesma experiência que apresenta uma série de tonalidades, de “gradientes”.

A condição praxiológica do processo comunicativo reforça esse ambiente de probabilidade, de uma expectativa, de um jogo de acertos e de erros. O resultado é que os “critérios de *sucesso interacional* podem ser múltiplos, para uma mesma interação” (BRAGA, 2010, p. 71 [grifos do original]). A comunicação como uma tentativa

[...] se expressa particularmente na busca de obter uma interpretação da mensagem em coerência com o ponto de partida (emissão). A tentativa do participante receptor, por sua vez, seria a de interpretar em função de sua visada cultural, desmontando manejos ou sutilezas da mensagem que o possam enganar; e escolhendo, das mensagens, as que efetivamente lhe mereçam a sintonia, realizando a boa crítica (BRAGA, 2010, p. 72).

Boa parte da argumentação de Braga passa pela *linguagem*, lembrando que ela não pode ser explicada tão somente como uma codificação a organizar as interações entre os sujeitos, mas um jogo seletivo em que há disputa na produção de sentidos, dos mapas culturais dos interlocutores. Códigos linguísticos não abrangem a comunicação do ponto de vista praxiológico. Entre essas estruturas dadas e delimitadas e os seus usos

“incidem as condições extralinguísticas do mundo, do pensamento, das relações entre os participantes da interação, das conjunturas do episódio que pedem um processo adicional ativo (inferências) para completar a comunicação” (BRAGA, 2010, p. 75).

As linguagens são sempre polifônicas, instáveis e abertas, e essas condições nos levam a enxergar e reconhecer camadas ainda não vistas e não ditas na experiência da comunicação. Não tratamos de elementos fantásticos, ilusórios, mas de partes desse mesmo processo comunicativo que, muitas vezes, até sentimos que estão presentes, mas preferimos mantê-los ausentes. Para aprofundar o não tido e o não visto, recorreremos ao projeto fenomenológico de Merleau-Ponty.

3 A fenomenologia merleau-pontyana

Merleau-Ponty inicia sua trajetória pesquisando as *percepções*. Sustenta que elas não são fragmentadas, constituindo-se “todos estruturados nos quais os significados dos elementos individuais dependem da sua relação com o todo” (MATTHEWS, 2010, p. 10). Merleau-Ponty fez ensaios sobre política, artes, estética, cinema, psicologia, educação, e realizou conferências, muitas reunidas em livros³. Mas é *Fenomenologia da percepção* (1945) é sua obra mais conhecida. Depois de sua morte, textos inconclusos foram reunidos e publicados em *A prosa do mundo* e *O visível e o invisível*. Através deles, o filósofo aprofunda à percepção, encaminhando-se para discutir a *experiência*.

A preocupação de Merleau-Ponty era com a *essência das coisas*, mas sobre outro aspecto. O estado da arte sustentava a ideia de uma essência transcendental e que apenas seria possível alcançá-la ao se separar o corpo da alma, a matéria do espírito, o sujeito do objeto, a consciência do mundo. Em um polo, estava o objetivismo científico, empirista, racional, positivista. No outro, subjetivismo, filosofia, consciência, metafísica (CHAUÍ, 2008). Merleau-Ponty não aceita esses opostos, e argumenta que o fato e o transcendental não se separam radicalmente, que não há essência “fora das coisas”, uma explicação última que encerra todas as dúvidas. A essência está nas próprias coisas, no visível (CHAUÍ, 2008). Assim, também somos nós, *todo encarnado*, um “Ser-mundo”.

³ *Humanismo e terror* (1947), *Elogio da filosofia* (1953), *Sentido e sem sentido* (1996), *As aventuras da Dialética* (2000), *Conversas* (2004), entre outros.

Merleau-Ponty nos convoca ao *engajamento* no mundo, ação que nos impõe a pensar sobre o que é a *realidade* que nos envolve e nos conforma.

O real é um tecido sólido, ele não espera nossos juízos para anexar a si os fenômenos mais aberrantes, nem para rejeitar nossas imaginações mais verossímeis. A percepção [...] é o fundo sobre o qual todos os atos se destacam e ela é pressuposta por eles. O mundo não é um objeto do qual possuo comigo a lei de constituição; ele é o meio natural e o campo de todos os meus pensamentos e de todas as minhas percepções explícitas (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 6).

Para Merleau-Ponty, o percurso reflexivo do *Ser-mundo* ocorre na *experiência* e, para se reconhecer nela, é preciso afrouxar os laços intencionais que nos prendem às *atitudes naturais*, ao mundo aparente, tido como todo e único. A experiência de folgar os nós - que não é desatá-los por completo - configura-se como nossa iniciação aos mistérios do visível e do invisível, fazendo aparecer os próprios laços e as intenções de ligação, um processo que busca desvelar o mundo, revelando-o “estranho e paradoxal” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 10).

Na tensão evidente entre subjetivismo e objetivismo, esse filósofo nos convida à experiência do *todo* visível, porém, jamais separada da necessária dimensão invisível. Chauí (2008) diz que a experiência em Merleau-Ponty é um exercício de promiscuidade com as coisas, os corpos, as palavras e as ideias, onde podemos perceber as fissões no próprio “tecido do mundo”, fazendo nascer “um para o outro, o vidente e o visível, longe de nos separar da coisa, ao contrário, nos abre para ela” (DUPOND, 2010, p. 28).

Diante das amplas perspectivas apontadas por Merleau-Ponty, nosso foco está na tensão visível/invisível localizada no mesmo objeto, e que dialoga com premissas da comunicação praxiológica. O filósofo usa a *expressão* como ação da experiência, como o exercício concreto de descoberta do mundo, a atitude de enxergar *expressando* essas várias camadas do objeto. A literacia mediática debruça-se sobre as expressões para dar acesso, conhecer, enxergar, analisar, construir uma série de sentidos, ou seja, podemos dizer que estamos a associar a literacia como uma das experiências sociais relevantes para o exercício dos cidadãos nas esferas públicas. Contudo, é necessário ir além dos conteúdos que se apresentam na superfície, reconhecendo que eles são dispositivos para ir ou fazer descobrir as camadas mais profundas e ainda não tornadas em expressões.

Para Merleau-Ponty, a experiência, longe de ser uma relação de passividade, é um dos modos de enxergar que “desperta o mundo”, que nos implica nele e que impede

nossa sedimentação aí como espectador (MERLEAU-PONTY, 2012). Por essa visada, percebemos que a condição criativa/transformativa da comunicação praxiológica pode-se vincular-se a essa reflexão, principalmente por conta das interações, das relações, das ações compartilhadas em que os sujeitos estão em permanente relação. A experiência comunicativa é um convite permanente de abertura para a percepção daquilo que está em potência e pede para ser dito e visto.

É nesse sentido que a experiência de “ver” o mundo é atravessada por diálogos interrogativos, abrindo-se a uma movimentação fecunda. Curiosamente, Chauí (2008) ressalta que essa experiência criadora se torna possível por conta da existência aí de brechas, fissuras, lacunas, que pedem para ser reconhecidas, elevando ao patamar do visível aquilo que ainda não havia sido expresso. Sugerimos, então, que as tramas dos sentidos se manifestam nas *expressões*, e não em articulações prévias da linguagem.

Merleau-Ponty (1999) nos propõe “ver” o mundo além do visível, enxergando-o como um “lugar de possibilidade” em que habita uma “vegetação de fantasmas possíveis” e aonde não chegaremos às coisas mesmas, às essências.

Sobre nossa atitude interrogativa diante dos objetos, Merleau-Ponty (2012) a chama de *epoché*, e ela se realiza nas relações sociais sob o concreto, o visível. Todavia, será sempre uma ação de conjectura, de suposição, de tentativa. O cuidado, diz ele, é de não experienciar o que se vê, definindo previamente oposições e/ou negações. É preciso considerar *talvez* em lugar do *ser*, reticências em vez do ponto final. A *epoché* é necessária a nos libertar “das perspectivas da atitude natural” (CAPALBO, 2007, p. 33). Ora, não é isso que se propõe, em certa medida, à literacia mediática? Ao que parece, há uma condição fundamental de *epoché* nas análises para o aprendizado diante dos media.

Ocorre que, nesse aspecto da literacia mediática, é fundamental reforçar a ideia de que será através do visível, desse mesmo objeto-mundo concreto que teremos acesso as tantas significações que habitam ali, ainda invisíveis, nas interações. Isso obriga que a ação de literacia salte a um outro nível de percepção para poder escutar as vozes ainda não ditas, as narrativas que pedem às expressões.

4 Literacia e o invisível na comunicação

Como fez em relação a ciência e a filosofia, Merleau-Ponty também recusa a oposição entre visível e invisível. Para eles, aqui estão duas dimensões profundamente comunicantes, estando rigorosamente na mesma “carne” do objeto. Visível e invisível são um só, simultâneos e diferentes, reversíveis e entrecruzados (CHAUÍ, 2008); figura e fundo, palavra e silêncio, de forma que um não existe sem o outro. “O invisível habita *neste* mundo vivido, sustenta-o e o torna visível” (MERLEAU-PONTY, 2012, p. 146). Isso implica dizer que não existe um objeto invisível escondido atrás de outro objeto, e também que não há um invisível absoluto e bem que está inacessível. Visível e invisível são transitórios: o visível, a depender dos jogos de força, ganha a dimensão invisível, e vice e versa.

Assim, sugerimos pensar que o processo comunicativo faz “ver” o visível, que é um tipo de superfície mais geral, onde circulam os sentidos mais ou menos acordados em diálogos dos interlocutores. Na prática, o que vemos nesse plano do real são alguns pontos de vista aparentemente comuns entre nós. No entanto, para que possamos sentir isso, transita nesse mesmo ambiente tufo de não ditos e não vistos, excluídos, aquilo que ficou aparentemente à margem nas relações. O curioso é que a opção desse silenciar também pode ter sido resultado de acordos não ditos entre os interlocutores. Ou seja, o visível e o invisível fazem parte do *todo*, porque “o mundo comunicativo não é um feixe de consciências paralelas” (MERLEAU-PONTY, 1991, p. 19).

Tendo-se por farol esse filósofo, reforçamos a ideia de que a experiência do invisível na comunicação vai ocorrer exatamente na camada visível que nos conforma, naquilo que percebemos como expressão concreta e partilhada em um lugar *comum* da relação comunicativa. Como lembra Merleau-Ponty (2012, p. 131), “é preciso que nos habituemos a pensar que todo visível é moldado no sensível, [...] está voltado de alguma maneira à visibilidade, havendo, assim, uma imbricação e cruzamento”.

Aqui está uma das facetas da literacia mediática: considerar a comunicação como aquilo que está presente expressivamente nas relações, porém, com vistas a buscar e reconhecer as tantas camadas ou faces mais profundas, isto é, o “ser de latência ou de representação de certa ausência” (MERLEAU-PONTY, 2012, p. 127).

Um outro aspecto que aproxima ainda mais a ação entre a literacia mediática atenta e crítica, a comunicação praxiológica e as reflexões sobre visível e invisível em Merleau-Ponty é a exigência para o engajamento dos sujeitos nesse processo. Em outras palavras, será na ação prática que o conhecimento se abre, “que suas propriedades são descobertas e que os fatos se tornam mutuamente manifestos” (QUÉRÉ, 1991, p. 09). Lembremos que Merleau-Ponty segue nesse sentido, porém esse filósofo (1974, p. 74) avança ao propor “que no pleno das coisas, cuidemos de certos ocos, certas fissuras”.

De forma mais direta, a literacia mediática pode ampliar sua visada ao agregar um movimento que perceba a comunicação proposta nos *media* como uma possibilidade para além dos conteúdos expressos, passando a considerar uma série de não ditos e de não vistos. É experimentar o “invisível” como um fenômeno positivo, criador, como a lacuna que não é o vazio, mas uma potência a exigir à expressão. Propomos que a literacia mediática reforce a força da percepção que, segundo Dewey (1980, p. 38), “é reconhecer possibilidades não atingidas; é referir o presente a consequências, o aparecer ao desfecho”. Para esse autor, “a muda agonia de uma dor constitui-se numa existência significativa quando puder ser designada e tornada discursiva” (DEWEY, 1980, p. 30).

Por sua vez Merleau-Ponty (1974, p. 52) dedica atenção especial a *palavra* e aos “fios de silêncio que a corta”, formando os próprios tecidos das palavras, porém “o expresso não é jamais totalmente expresso”, sendo a linguagem um “mistério porque presentifica significações, transgride a materialidade sonora e gráfica, invade a imaterialidade” (CHAUÍ. 2008).

Nesse sentido, propomos três análises articuladas para ajudar a pensar em uma literacia mediática que perceba as camadas invisíveis nos objetos: análise de conteúdo, a análise histórica e a análise semiótica. O conteúdo será imprescindível porque, como já vimos, visível e invisível estão na mesma *carne*, no mesmo objeto; que é no visível que encontramos as pistas do invisível. Ora, isso nos obriga a localizar o visível, identificar, classificar, delimitar, e essa ação é de análise de conteúdo, considerando as abordagens mais modernas, como as de Herscovitz (2010) que reduzem a ênfase quantitativa desse método, empregando abordagens mais qualitativas. Mesmo assim, é preciso reconhecer que a análise de conteúdo não é autônoma e não é suficiente na apreensão das propostas comunicativas dos *media*, como alertam Bruno Leal *et. al.* (2012). O conteúdo concreto

e visível disposto em nossa frente é fundamental, mas como um grande e primeiro passo que exige outros em direção a experiência do invisível.

Passamos, assim, para a segunda base de nosso tripé: a análise histórica. Ora, os nossos objetos não surgem da noite para o dia, mas têm historicidades impregnadas e, em seu percurso, sempre deixam rastros, vestígios. Tomando-se o farol do olhar crítico sobre a história, devemos cotejar as propostas dos *media* para perceber os impedimentos, os apagamentos e silenciamentos históricos. Essa análise baseia-se no *Paradigma Indiciário* de Carlo Ginzburg (1989). Nele, considera-se primordial a ação do pesquisador em saber identificar os indícios, e empregar potencialidades de sentidos nos *rastros* que, por sua vez, farão emergir as contradições históricas que apagam e silenciam os derrotados.

Desse modo, entramos na análise semiótica, que foca nas propostas específicas dos *media*, nos gestos textuais oferecidos à experiência para o visível e o invisível, e nas tramas verbo-visuais que podem ser conectadas e que dão a perceber a construção das invisibilizações. Nesse quesito, ajuda o pensamento de Abril (2013), em especial, a partir da visada sobre os *textos*, considerando três dimensões encadeadas: *visualidad, mirada e imagen*. Por meio da semiótica, podemos submeter às análises da literacia mediática a uma série de conexões que darão a ver o porquê do visível e das opções pelo invisível.

Considerações Finais

Percebemos que existem pontos de diálogos entre as ideias de comunicação do modelo praxiológico, interacional e relacional, com a fenomenologia merleau-pontyana, e essa aproximação é fértil para as análises em termos de literacia mediática.

O que estamos chamando de central nesse trabalho é o exercício de perceber na literacia mediática que os objetos se constituem de uma enorme massa expressiva e visível e que configura o mundo aparente, no entanto, eles são sustentados por camadas invisíveis. “Do mesmo modo que a nervura sustém a folha por dentro, do fundo de sua carne, as ideias são a textura da experiência, seu estilo, primeiro mudo, em seguida proferido” (MERLEAU-PONTY, 2012, p. 159).

Nessa mesma linha, a ideia de uma comunicação como “tentativa” (BRAGA, 2010) é rica porque possibilita percebê-la incompleta, aberta a potência transformativa, ou seja, a “superfície de uma profundidade inesgotável: é o que torna possível a sua abertura a outras visões além da minha” (MERLEAU-PONTY, 2012, p. 139).

Ao avançarmos para o exercício analítico da literacia mediática, percebemos que é necessário compreender que a base desse processo é a comunicação, uma tentativa que resulta em uma superfície visível, mas também vai esconder, maquiagem, silenciar, garantido certas invisibilizações, que são como “nervuras” da experiência comunicativa.

Entretanto, como estamos em ambiente móvel, em meio às relações sociais em jogo, as camadas visíveis e invisíveis são elementos transitórios e reversíveis. Para além das relações, esse processo em forma de *experiências expressivas*, concretiza-se através da linguagem e, nesse sentido, é impossível um controle absoluto, mesmo diante de códigos e estruturas linguísticas que prometem alguma sensação de segurança em torno dos sentidos. Na prática, a comunicação tende a ser sempre um desencontro (BRAGA, 2010) porque as significações são imprevisíveis e incontroláveis. Esse é outro aspecto a ser levado em conta na literacia mediática.

Uma das contribuições mais importantes seja do modelo praxiológico seja das reflexões de Merleau-Ponty (2012) para essa discussão, ao nosso julgar, é o convite ao método. Há uma necessidade de ação, do jogar-se na experiência, no folgar os nós que nos prendem a supostos acordos comunicativos e que conformam o ambiente visível das nossas interações. A provocação é tentar experimentar camadas mais profundas. É essa ação de permanente interrogação diante das coisas que nos pode fazer enxergar uma série de fissuras em um processo de comunicação que parecia sedimentado e acordado.

A literacia mediática - acesso, desenvolvimento de competências, as tensões pedagógicas, o olhar crítico sobre as narrativas em aprendizado – ganha em considerar a experiência das camadas ainda invisíveis. Como sugerimos, isso pode ocorrer com o uso articulado de três análises: conteúdo, histórica e semiótica. Essas ações podem colocar em dúvidas os significados acordados superfícies, fazendo aflorar outras possibilidades de significações, o que garante a comunicação como um processo transformativo e em múltipla afetação dos sujeitos interlocutores.

Referências

ABRIL, Gonzalo. **Cultura visual, de la semiótica a la política**. Madrid: Plaza y Valdés, 2013.

ÁVILA, Patrícia. **A Literacia dos Adultos: Competências-chave na Sociedade do Conhecimento**, Oeiras, Celta, 2008.

BRAGA, José Luiz. Nem rara, nem ausente – tentativa. **MATRIZES**, ano 4, nº 1, São Paulo: ECA-USP, jul./dez. 2010. p 65-81. Disponível <http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/179> Acesso em 16/8/2014.

CAPALBO, Creuza. A subjetividade e a experiência do outro: Maurice Merleau-Ponty e Edmund Husserl. **Revista da Abordagem Gestáltica**, 2007, v. 13, n. 1, p. 25-50. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v13n1/v13n1a03.pdf> Acesso 21 fev 2014

CHAUÍ, Marilena. Merleau-Ponty: a obra fecunda. A filosofia como interrogação interminável. **Cult-Revista Brasileira de Cultura**, 2008, n. 123. Disponível em <http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/merleau-ponty-a-obra-fecunda/> Acesso 17 dez 2014.

DEWEY, John. Experiência e Natureza. In: DEWEY, John. **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1980. 317 p. pp. 3-52

DUPOND, Pascal. **Vocabulário de Merleau-Ponty**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FRANÇA, Vera. Quéré: dos modelos da comunicação. In: **Fronteiras**. Estudos Midiáticos. Vol. V, nº 2. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

HERSCOVITZ, Helena. Análise de conteúdo em jornalismo. In: LAGO, C. e BENETTI, M. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2010.

KIRSCH, Irwin; JUNGEBLUT, Ann; JENKINS, Lynn; KOLSTAD, Andrew. **Adult Literacy in America: a First Look at the Results of the National Adult Literacy Survey**, Washington, National Center for Education Statistics, 1993.

LEAL, Bruno, ANTUNES, Elton, VAZ, Paulo B. El acontecimiento como contenido de las noticias: repensando una metodología. **Estudios sobre el Mensaje Periodístico**, Norteamérica, 18, jun. 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/uA2jqT>>. Acesso em 20 out. 2016.

MATTHEWS, Eric. **Comprender Merleau-Ponty**. Petrópolis: Vozes, 2010.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **A prosa do mundo**. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1974.

_____. **Signos**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. **Fenomenologia da Percepção**. 2ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

QUÉRÉ, Louis. **D'un modèle épistémologique de la communication a un modèle praxeologique**. *Réseaux*, n.46-47, CNET, 1991. (Versão mimeografada traduzida por: Lúcia Lamournier Sena e Vera Lúcia Westin, 31p.).

REIS, Felipe. Da antropologia da escrita à literacia: Algumas reflexões sobre o Estudo Nacional de Literacia”, **Educação, Sociedade & Culturas**, 8, pp. 105-120, 1997.